



O outro é o meu espelho: uma análise das esferas pública e privada na sociedade informatizada a partir de um estudo de caso¹

Marta H. D. Tejera²

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

Este ensaio pretende, a partir da análise de um estudo de caso, observar de que maneira as esferas pública e privada estão manifestas na sociedade contemporânea, que tem as tecnologias da informação como mediadoras das relações sociais, além de forte meio de expressão da maneira como estas relações se estabelecem. A partir da análise do *blog* francês *Désordre*, e ao propor um diálogo entre vários autores que estudam os fenômenos da atualidade, pretende-se apontar novas indagações e alguns caminhos a respeito das esferas pública e privada.

Palavras-chave: Tecnologias; pós-modernidade; *blogs*; público; privado.

Corpo do trabalho

A privacidade morreu³. A afirmação demonstra a percepção de alguns teóricos sobre a esfera privada na atualidade. A questão está relacionada ao fortalecimento e à democratização das tecnologias da informação e à facilidade com que, nos dias de hoje, tudo pode ser posto à cena. Seguindo esse raciocínio, a sensação de privacidade invadida – que algumas práticas em meios como a Internet podem oferecer – corre o risco de revelar-se um sentimento datado, localizado mais ou menos entre o período pós-revolução industrial e a alvorada do século XXI. Não são poucos os indícios de

¹ Trabalho apresentado no IX Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. e-mail: martatejera@cpovo.net

³ Uma reportagem do jornal *L'Express* relata a opinião de vários teóricos a respeito da privacidade nos dias de hoje. Michel Maffesoli, um dos entrevistados, registra a morte da esfera privada e afirma que a formulação exata de Descartes (“eu penso, logo sou minha fortaleza”) está caindo em desuso no século XXI, a partir de práticas sociais que estimulam a um neo-tribalismo e à máxima: eu sou pensado pelos outros. Ou ainda, o outro me interessa porque ele é o meu espelho (*Le triomphe du voyeurisme* in www.lexpress.fr/info/societe/dossier/voyeurisme/dossier.asp?ida=416699).



que o privado, como existia até aqui, fenece. É como se todos os acontecimentos do cotidiano merecessem mesmo serem tornados públicos, para que, no olhar alheio, ganhem a conotação de realidade.

Michel Maffesoli (2005, p. 161) aposta no começo (ou recomeço) de um outro tempo, em que não há espaço para uma vida privada nos moldes conhecidos e que tem, nas tecnologias da comunicação, o papel de provocadoras deste transe coletivo que anuncia outro momento. A compreensão dos fenômenos da atualidade no que diz respeito às manifestações das esferas pública e privada passa necessariamente pelo recorte de uma fatia de realidade que permita refletir sobre o formato que essas instâncias adquirem na pós-modernidade.

Como sugere Maffesoli (1998, p.31) não há nada de muito novo na história humana. De maneira geral, os eventos ocorrem de forma cíclica, circular, sempre promovendo o retorno ao que já foi visto. No caso da pós-modernidade, o aspecto inédito ficaria por conta das novas tecnologias e das relações que o homem estabelece a partir destas ferramentas. Promover um recorte de realidade para melhor analisar as manifestações públicas e privadas na contemporaneidade exige, portanto, uma conexão direta com as ferramentas tecnológicas incorporadas ao cotidiano.

Os *weblogs* por se tratarem de uma das formas de expressão dos indivíduos na atualidade, podem ser considerados como um dos objetos ideais para perceber essa renovada expressão na esfera pública. Além de propiciar farto material para análise – o relatório de 2008 da empresa *Technorati* demonstra que naquele ano existiam 133 milhões de *weblogs* no seu índice – estes espaços revelam aspectos interessantes e consideráveis acerca do indivíduo narcísico proposto por Lipovetsky (1989). Na blogosfera são muitas as pistas deste Narciso pós-moderno, que permitem a exploração de questões pertinentes e diretamente associadas à idéia de privacidade nos dias que correm.

Afinal, nestes diários *on-line*, de que forma o cidadão contemporâneo se expõe? Trata-se de uma exposição real ou sujeita a edições? Como este biógrafo de si interage com seus leitores? Qual o valor que os *bloggers* concedem aos espaços



público e privado e como administram as possíveis invasões de privacidade? E porque escolhem revelar aspectos íntimos ao público em vez de guardar os escritos de uma vida pessoal de forma reservada?

De fato, os *weblogs* se mostram como uma das manifestações mais interessantes do sujeito contemporâneo. A explosão dos *weblogs* no mundo todo – um movimento crescente evidenciado a partir dos anos 90 – registra uma nova dimensão da escrita íntima e, portanto, da privacidade. O ato de redigir as memórias diárias na Internet é revelador da identidade do homem pós-moderno e das relações que estabelece entre o público e o privado.

No caso deste ensaio, o *weblog* que servirá para ilustrar a compreensão do público e do privado não será um modelo vinculado a um caráter jornalístico ou que revela notadamente interesses comerciais. O exemplo escolhido para esta análise pretende o registro puro e simples do íntimo, tendo a Internet como ferramenta.

Antes, no entanto, cabe lembrar que a escrita nos *weblog* obedece a rituais diferentes daqueles verificados na escrita tradicional (em papel), isso porque o fato de ser um texto escrito e imediatamente publicado oferece um novo e importante diferencial: a possibilidade de um intercâmbio automático entre autor-leitor. Pierre Lévy é um dos autores que celebra esta possibilidade.

...o ciberespaço é justamente uma alternativa para as mídias de massa clássicas. De fato, permite que os indivíduos e os grupos encontrem as informações que lhes interessam e também que difundam sua versão dos fatos (inclusive com imagens) sem passar pela intermediação dos jornalistas. O ciberespaço encoraja uma troca recíproca e comunitária, enquanto que as mídias clássicas praticam uma comunicação unidirecional na qual os receptores estão isolados uns dos outros. (1999, p. 203)

Philippe Lejeune⁴ percebe na escrita eletrônica dos *weblogs* dois aspectos merecedores de destaque pelo diferencial que apontam. O primeiro diz respeito ao modo totalmente novo como ocorre a leitura. Essa é a primeira vez em que o leitor pode ler ao ritmo da escrita. Em geral, conforme constatação de Lejeune, o leitor que acompanha diariamente um determinado *weblog* lê um *post* e pára, retomando no dia

⁴ *Entretien avec Philippe Lejeune*. Disponível em www.fondationlaposte.org

seguinte, quando deve haver um novo texto publicado. Isso faz com que os leitores participem do que Lejeune chama de “temporalidade da escrita”. O segundo aspecto está relacionado ao fato de que os diários de Internet são escritos para serem imediatamente lidos, o que, na opinião do autor, pode ser um fator positivo ou negativo. Esse fator, de acordo com Lejeune, acaba propondo muitas vezes uma teatralização do eu, especialmente nos diários *on-line*, algo não evidenciado na escrita de si mesmo que não visa a nenhum leitor.

De maneira geral, convencionou-se associar a expressão *blog* ou *weblog* aos diários *on-line*, mesmo que hoje em dia estes espaços estejam vinculados a todo o tipo de interesse: pessoal, profissional, etc. De qualquer forma, na origem, a expressão *weblog* começou tendo relação com diário íntimo na Internet, uma vez que foi assim que o internauta norte-americano John Barger chamou seu diário pessoal na rede. Schittine (2004, p. 12) demonstra que a palavra *weblog* é uma contração das palavras *web* (página da Internet) e *log* (diário de bordo).

O modelo que aqui analisaremos é o desenvolvido pelo *blogger* francês Philippe de Jonckheere⁵, usuário que define a expressão *weblog* a partir do cruzamento de três palavras: diário, memória e crônica, na medida em que os diaristas da Internet se utilizam destes três elementos na composição dos *blogs*. É bem verdade que o registro cotidiano de muitos *bloggers* se aproxima dos diários tão em voga no século XIX que relatavam os feitos do dia-a-dia, valendo-se, muitas vezes, da idéia de que são realizados para preservar a memória e são redigidos, em geral, no formato de crônica do cotidiano.

Jonckheere afirma em seu *blog*, *Désordre*, que existem duas formas de utilizar este registro do cotidiano na Internet. Uma maneira, que é privada, e que por isso mesmo, pouco difere dos diários escritos para o papel. Neste caso o *blogger* utiliza a capacidade de estocagem do seu servidor para salvar seus registros que, na verdade, tem caráter confidencial, sem permissão de acesso a terceiros ou com permissão restrita para portadores de uma senha. Assim o *blogger* se aproxima daquelas pessoas

⁵ Philippe de Jonckheere, analista de sistemas e artista plástico francês que mantém o *blog Désordre* desde 1998 no endereço www.desordre.net

que redigem seus diários com finalidade privadas, mesmo que o faça de maneira muito mais contemporânea, ao utilizar um suporte tecnológico. Na opinião de Jonckheere, este formato é suicida, uma vez que a Internet não é, de forma alguma, o melhor território para manter informações em caráter sigiloso. O outro formato, escolha de Jonckheere, é o *blog* que, mesmo escrito como um diário íntimo, é tornado público. Este tipo é feito pelo “cronista em rede”, o sujeito que escolhe divulgar seus feitos, suas opiniões sobre os fatos do seu cotidiano para todos os que têm acesso à Internet.

Conforme Philippe de Jonckheere⁶ sua motivação pessoal para ter um *weblog* no formato de diário íntimo é bastante antiga. Já em 1994⁷, Jonckheere mantinha uma espécie de crônica fotográfica feita a partir de um auto-retrato diário em *Polaroid*. Este *blog* mais rudimentar durou até 1998, dando lugar ao atual *Désordre*. O interesse em manter um diário de caráter público e que apresenta muito da intimidade do autor, está no fato, conforme Jonckheere, de que essa ferramenta se mostra bastante eficiente quando o interesse é preservar a memória, não somente a memória individual, mas também auxiliar na constituição de uma memória coletiva. Ou seja, conforme explicação contida em *Désordre*, os *posts* auxiliam a “salvaguardar do tempo os registros da memória que seriam engolidos pela massa dos dias que sucedem”.

A contribuição de Jonckheere para construir o que ele denomina de memória coletiva é farta. Em *Désordre*, ele explora bem mais do que o trabalho com imagens que foi o carro-chefe do primeiro *blog*, o *Poula Journal*. *Désordre* é carregado de *links* que apresentam textos extensos dando conta de impressões muito particulares do autor a respeito dos mais variados temas: problemas familiares, arte, viagens, desacertos no trabalho, política mundial e nacional, reflexões sobre a prática do *blogging*.

Lembrando os escritos de bons memorialistas, Jonckheere revela, em seus textos publicados em *Désordre*, a capacidade de expor ao olhar de quem quer que

⁶ *De la mémoire comme motivation*. Disponível em www.desordre.net

⁷ Dados do relatório de 2008 do Technorati apresentam uma idade média de três anos para os *blogs* em funcionamento



sejam seus leitores, todas as facetas do seu habitat e as personagens que compõem essa vida real. Reflexões sobre temas corriqueiros que se mostram existenciais, seja sob a forma de textos ou fotografias, fazem de *Désordre* um signo da pós-modernidade, ilustrando uma nova socialidade, uma nova axiologia e o fim de princípios em uso especialmente no século XIX, a idade de ouro do privado. Valendo-se da observação deste *blog*, pode-se afirmar que a questão do segredo, do íntimo como sinônimo de privado e de todo um conjunto de idéias que mostravam que a vida privada deve ser murada, é um formato social que entrou em desuso.

Afinal, “navegar” em *Désordre* é como entrar na casa de Jonckheere e conhecer sua família e, muito menos do que uma visita, com a formalidades e regras de conduta que ela impõe, agir como um criado de quarto, aquele para quem não existem segredos, nem heróis. É assim que se sabe dos problemas e das alegrias que fazem essa existência exposta ao olhar público: as dificuldades na infância com a mãe depressiva, o irmão autista, o nascimento dos filhos, a relação com a esposa, o autismo do segundo filho e as cartas que envolvem o caso, como aquelas endereçadas à escola, ao psiquiatra, aos pais de outras crianças, a depressão do próprio autor, seu trabalho na IBM. Altos e baixos de uma vida comum, porém bem documentada, fartamente registrada e tornada pública como a de uma celebridade.

O que há em *Désordre* que o aproxima tanto da idéia de pós-modernidade? De certa forma, a certeza de que a vida real, a vida como ela é surge como o melhor a ser consumido através das facilidades das tecnologias da informação. Esta idéia é reveladora das transformações que ocorrem no jogo social. Nada mais é secreto. Como sugere Baudrillard (2001, p. 35) o momento atual é de ausência de dramaturgia, de jogo cênico, fazendo pensar para onde foi, afinal, o segredo e o muro da existência privada. Conforme explica o autor, o homem contemporâneo está em cena. Mas ele está em cena enquanto personagem da vida real, livre de qualquer encenação, totalmente exposto, sem qualquer possibilidade de teatralização.

O espetáculo tem ligação com a cena. Em compensação, quando se está na obscenidade, não há mais cena, jogo, o distanciamento do olhar se extingue. Por exemplo, o pornográfico: é claro que aí temos o corpo por inteiro, *realizado*. Talvez a definição de obscenidade seria, pois, a de tornar real, absolutamente real, alguma coisa que até então era metafórica ou tinha uma dimensão metafórica. A sexualidade sempre tem – tal como a sedução – uma dimensão metafórica. Na obscenidade, os corpos, os órgãos sexuais, o ato sexual, não está mais ‘posto em cena’, e sim, grosseira e imediatamente, dados a ver, isto é, a devorar, são absorvidos e reabsorvidos no mesmo ato. É um *acting out* total de coisas que, em princípio, seriam objeto de uma dramaturgia, de uma cena, de um jogo entre parceiros. Aí, não há jogo algum. Não há dialética, nem distanciamento, apenas uma colusão total dos elementos (2001, p. 29-30)

A explicação de Baudrillard (2001, p. 30) para o que ele chama de “obscenidade” se estende à questão da mediatização, da informação que enfatiza o real e que aproxima as pontas do processo informacional: emissor e receptor. Conforme Baudrillard, quando existe essa aproximação exacerbada, somada à ênfase na realidade concreta, “estamos na obscenidade”.

Vídeo, tela interativa, multimídia, Internet, realidade virtual: a interatividade nos ameaça de toda a parte. Por tudo, mistura-se o que era separado; por tudo, a distância é abolida: entre os sexos entre os pólos opostos, entre o palco e a platéia, entre os protagonistas da ação, entre o sujeito e o objeto, entre o real e o seu duplo. Essa confusão dos termos e essa colisão dos pólos fazem com que, em mais nenhum lugar, haja a possibilidade do juízo do valor: nem em arte, nem em moral, nem em política. Pela abolição da distância, do ‘pathos da distância’, tudo se torna irrefutável. Até no domínio da física: a demasiada proximidade do receptor e da fonte de emissão cria um efeito *Larsen* que confunde as ondas. A excessiva proximidade do acontecimento e de sua difusão em tempo real cria a indemonstrabilidade, a virtualidade do acontecimento que lhe retira a dimensão histórica e o subtrai à memória (1999, p.145-146)

Se observarmos as expressões atuais na Internet a partir das lentes de Lipovetsky (2004, p.27), no entanto, teremos uma interpretação um pouco mais suavizada de práticas como o *blogging* de Jonckheere. O *blogger* seria apenas o exemplo da sociedade pós-moralista descrita por Lipovetsky (2004, p. 27), o que não chega a ser negativo. “Sociedade pós-moralista, não sociedade pós-moral; a sociedade que exalta mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem-estar individual, do que o ideal de abnegação”.

Ou seja, pouco importa o que será pensado ou dito a respeito dos *posts* do *blogger* sobre esse ou aquele tema, se for do interesse do autor, se for contribuir para sua satisfação individual, por que não? Nada das boas maneiras típicas do século XIX. Nada do jogo cênico da civilidade vitoriana.

Para Lipovetsky (2005, p. 28) as manifestações sociais contemporâneas e os *weblogs* são exemplos delas, não são imorais, mas sim dotadas de uma outra moral, “interpessoal e emocional, indolor e não imperativa, uma moral adaptada aos novos valores de autonomia individualista”. Uma moral que não está subordinada à idéia de “você deve fazer isso...”, que não enaltece o sacrifício e a abnegação.

Sociedade pós-moralista é a designação de uma época em que o sentido do dever é edulcorado e debilitado, em que a noção do sacrifício pessoal perdeu sua justificação social, em que a moral já não exige o devotamento a um fim superior, em que os direitos subjetivos preponderam sobre os mandamentos imperativos, em que as lições de moral são encobertas pelo fulgor de uma vida melhor, do irradiante sol das férias de verão, do banal passatempo das mídias (2005, p. 27)

Baudrillard (2001, p. 62), por seu turno, sugere que na atualidade o que “fundamenta a noção de ‘indivíduo’ não é mais o sujeito filosófico ou o sujeito crítico da história; é uma molécula admiravelmente operacional, mas entregue a si mesma...” Ele (2002, p.53) explica que uma das características do sujeito contemporâneo é mesmo o fato de estar abandonado à sua própria sorte, fadado a uma liberdade que, muitas vezes, pode ser catastrófica. Antes o sujeito era importante o suficiente para ser disputado por Deus e por Satã. “Hoje nossa salvação compete a nós”. O estado atual é chamado por Baudrillard (2002, p. 53-54) de “liberação” e não libertação. Uma situação em que o homem estaria fechado em si, condenado a uma identidade sem fim, de expressão fractal. Além disso, Baudrillard (2002, p. 24) observa que a situação atual está além da crise, que seria o questionamento e o tensionamento da ordem vigente. Hoje há um desregramento completo disfarçado de liberdade. Ninguém pode dizer com precisão quais são as regras do jogo. As regras de ontem já não têm valor. As regras de hoje não são totalmente conhecidas. Para Baudrillard (2002, p. 55) restou ao homem, entregue a sua própria sorte, o que ele chama de experimentação consigo mesmo, e tanto que o sujeito acaba por cair na banalidade, completamente apartado de qualquer metáfora salvadora.

Valendo-se de Baudrillard pode-se dizer que a expressão de Jonckheere em seu *blog Désordre* é característica da queda do homem na banalização. O próprio Jonckheere se encaixaria no que Baudrillard chama de “ausência do jogo cênico”, ao declarar que *Désordre* não contém nada além do que possa haver na vida de qualquer

outra pessoa, apenas registros de uma existência retilínea. O motivo para mantê-lo, além de auxiliar na constituição do que Jonckheere chama de memória coletiva, de forma subjetiva também pode ser a fragilidade do sujeito contemporâneo, descrita por Lipovetsky. Depois da morte de Deus, resta ao homem da atualidade se agarrar ao coletivo, mesmo que ao coletivo virtual, para enfrentar a dureza do cotidiano. Talvez por isso *Désordre* algumas vezes se mostre como uma catarse individual que busca eco nas manifestações dos leitores. É como se a Internet, na pós-modernidade, substituísse o papel que no passado já foi exercido como muita força pela Igreja.

Um exemplo desta catarse em *Désordre* é, justamente, um dos temas mais caros ao autor: o autismo de seu filho, Nathan. A exposição do caso, conforme Jonckheere⁸, tem um caráter de mão dupla: pedir ajuda e oferecer ajuda. Ao escrever de forma sincera sobre o tema, Jonckheere discute publicamente um tema que lhe angustia, produzindo identificação com muitos leitores. A franqueza nos relatos passa por aspectos que normalmente são sublimados em questões deste gênero, como sentimento de vergonha para quem tem um familiar com autismo:

Vergonha desta criança, da nossa criança, cujo comportamento é totalmente errático de tempos em tempos. Vergonha de que não posa brincar como os outros, obedecer como os outros, e mesmo que os ‘outros’ jamais me tenham interessado. É terrível este sentimento de vergonha porque ele o percebe em todo mundo, ele sabe que provoca vergonha, que ele inspira a vergonha e diante desse sentimento ele se ressent. Mas ter vergonha da sua criança. Ter vergonha de Nathan. Como isso é possível? Eu tenho vergonha de mim mesmo. (La Parole de Nathan. Disponível em: www.desordre.net)

A discussão em torno do problema do autismo e sua repercussão em várias instâncias envolvidas no caso são publicadas no *blog* de Jonckheere. E é assim que as correspondências enviadas ou recebidas acerca do tema estão postadas em *Désordre*, como no caso da carta endereçada aos pais dos colegas de classe de Nathan, em uma escola regular de Fontenay-sous-Bois:

⁸ Minha entrevista com Philippe de Jonckheere, publicada em www.desordre.net



Caros Pais,

Há na classe de seu filho uma outra criança um pouco particular, nos referimos ao nosso menino, Nathan de Jonckheere. Nathan foi diagnosticado como autista. O autismo é uma doença neurológica que reagrupa numerosas síndromes, a mais conhecida é a de Kraner que é a daquelas crianças muito quietas e isoladas. Nathan, felizmente, não revela *a priori* características dessa categoria, mas uma forma mais leve da doença(...) Até o momento nós temos escolhido manter Nathan em uma escola clássica porque é para ele a melhor possibilidade de um desenvolvimento harmonioso. Isso na acontece de maneira isolada, no ano passado Nathan foi acompanhado por um assistente social que lhe era inteiramente dedicado. Neste ano ele será beneficiado por uma pessoa que vai se dedicar ao seu problema durante 4h30min por semana. No último Nathan foi atendido por um psicólogo do Centro Médico-Psicológico da cidade. Este ano um psicólogo especializado em psicomotricidade e um fonoaudiólogo vão acompanhá-lo no CMP. O lugar de Nathan é verdadeiramente a escola. As crianças como Nathan, reagrupadas entre si, registram muitas vezes um agravamento de seus sintomas. Um dos aspectos mais necessários para um autista é a relação social (...) Nós estamos conscientes que suas crianças podem questioná-los, assim como a equipe da escola, a respondê-los sobre essas questões. Para tanto nós enviamos à escola dois livros que as professoras vão fazer circular. Nós adorariamos que vocês reservassem um tempo e lessem esses livros para suas crianças, associando essas histórias ao nome de Nathan. Da mesma forma nos colocamos totalmente à disposição para esclarecer seus questionamentos sobre este assunto. É muito importante que Nathan se integre bem na turma mas também é primordial que o seu filho não esteja desconfortável com ele. Cordialmente, Anne Verley e Philippe de Jonckheere (Disponível em: www.desordre.net)

Em uma década de manutenção do blog *Désordre*, Jonckheere conseguiu reunir material o suficiente para manter abastecidos os seus, em média, 4 mil leitores diários. São centenas de textos, alguns muito longos que abordam toda a sorte de assuntos. Desde a cirurgia de hérnia de disco a que se submeteu, documentada através de imagens e texto, ate o nascimento dos três filhos, vida sexual, receitas culinárias, crítica literária, de cinema e artes plásticas, experimentações fotográficas e exercícios de estilo onde Jonckheere, algumas vezes utiliza o texto de um autor reconhecido, narrado em primeira pessoa e, a partir dele, cria outro, abordando em um *pastiche* temas pessoais como a morte do seu irmão.

Era 26 de julho de 1993, ao meio-dia, eu estava em minha casa em Paris, na avenida Daumesnil, o telefone tocou, minha ex-esposa atendeu, ela não compreendia o que a pessoa lhe dizia, ela me perguntou se eu podia atender à ligação. Era um vizinho de meus pais que me dizia que era preciso que eu fosse rápido à Graches, que havia um problema. (...) Nós partimos rapidamente, eu dirigia como um louco, minha ex-mulher gritava para que eu diminuísse a velocidade, eu metia o pé no acelerador e lhe dizia para descer ou ficar quieta. (...) Nós chegamos à Garches vinte minutos depois. O vizinho nos esperava lá embaixo, eu lhe perguntei, “ele se matou?” Ele me respondeu com palavras que não faziam sentido (...) Fui procurar a zeladora, ela não podia me falar, ela me disse apenas, dolorosamente, “senhor De Jonckheere”, ela chorava, eu compreendi que ele estava morto. Eu subi. (...) O vizinho e minha ex-mulher me encontraram, todos os dois choravam. Eu os ignorei. (...) Minha mãe nos perguntou se nós poderíamos encontrar meu pai no final do dia, porque era necessário ir à delegacia de polícia. (...) Eu me lembro bem de a ter levado à delegacia. E que lá nós tínhamos prestado depoimento separadamente e que eu expliquei a um comissário de polícia que meu irmão era um suicida. Que ele havia tentado o suicídio inúmeras vezes. Foi esse inspetor que nos devolveu os objetos pessoais de Alain. Ele tinha fumo de rolo da marca Drum, folhas para cigarro da marca OCB e um isqueiro. (...). Era incrível como todos esses objetos tão impessoais podiam estar completamente contaminados pelo seu cheiro. Foi a última vez que eu senti o cheiro de Alain (...) in www.desordre.net

Abordar problemas íntimos em um meio virtual de caráter público pode significar uma construção narcísica? Ou, ao contrário. De certa forma demonstra coragem insuspeita para tratar de assuntos, muitas vezes, delicados e propõe um recuo do individualismo irresponsável identificado em alguns momentos por Lipovestky (2004, p. 39), onde o cidadão, a partir de vivências próprias, passa a estabelecer vínculos construtivos com os outros. Expor problemas individuais pode ser gerador de mobilização, de “solidariedade inteligente” de “busca de compromissos humanistas”. Se por um lado Jonckheere faz uma reflexão muito particular da questão do autismo, a partir das dificuldades enfrentadas por seu filho, por outro ele colabora para a discussão de práticas relacionadas às crianças portadoras de autismo.

A despeito da concepção de privacidade em vigor até recentemente, este gênero de exposição manifesta um lado positivo que, nas palavras de Lipovetsky (2004, p. 39), revela-se como uma “solidariedade inteligente”. Observando os escritos de Maffesoli (2005, p. 15), talvez seja possível perceber, na exposição de Jonckheere, uma necessidade de volta à idéia de socialidade arcaica, tribalista, que propõe um estar-junto aparentemente desordenado, uma forma próxima do naturalismo que se

revela como uma maneira de expressar o vivido tão francamente que pode parecer sem requinte. Sendo assim, a exibição da intimidade é como o pavoneamento que serve apenas como modo de atrair para outros temas, mobilizadores. “Como numa aldeia, sabe-se tudo sobre todos e, a favor ou contra, vibra-se em uníssono em torno de sentimentos, emoções ou de outros afetos a partilhar” (2005, p. 144). Nesse sentido, blogs como o *Désordre* de Jonckheere podem ser considerados como sinais de um retorno urobórico a uma socialidade já vista em períodos anteriores, quando tornar público aspectos privados fazia parte do cotidiano e o acerto de contas da vida privada no âmbito público era moeda corrente.

Ao considerar o exemplo de *Désordre* e a exposição da intimidade, ainda que com zelo estético, pode-se mesmo pensar em uma retomada do modelo de vida pública em que o cidadão está posto à cena, em que os aspectos da existência privada são discutidos ou podem ser consumidos por todos, denotando certa desvalorização do formato da esfera privada observado, especialmente, no século XIX. Como afirma Maffesoli, existem movimentos naturais que ocorrem de tempos em tempos. “Cada sociedade exterioriza-se, interioriza-se, num movimento sem fim que a faz ser o que é” (1999, p. 145). Lembrando Sorokin, Maffesoli declara que existem momentos que são mais racionalistas e, outros, sensualistas. Nenhum dos dois é totalmente puro, mas híbridos.

Ora, é preciso notar que os períodos sensualistas não se reduzem aos sentidos, à sensualidade, ao sensível, mas, ao contrário, integram, ao lado desses parâmetros, a dimensão intelectual ou espiritual. É assim que, de minha parte, interpreto a admirável conjunção que se vê regularmente ressurgir, entre a exacerbação do corpo ou dos sentidos, e a da mística ou da religião *stricto sensu*: o que me liga ao outro, o que me leva a me perder no outro (1999, p. 75)

Uma interpretação alicerçada em Platão, como explica Maffesoli (1999, p.83-84), para quem é necessário primeiro ocupar-se de si, antes de ter condições de se ocupar dos outros. Somente o exercício de si mesmo pode levar à capacidade de exercitar o outro, inclusive em assuntos de notória alçada pública, como a política. Mas também, “não se é inteiramente si mesmo se não graças aos outros” (MAFFESOLI, 1999, p. 91). E esse “se reconhecer” passa pelos pequenos feitos do cotidiano. Maffesoli (1998, p. 108) é um dos autores que vê autenticidade na superficialidade. É na vida do dia-a-dia que está oculta a profundidade das relações



sociais, por isso o autor julga tão importante a observação da aparência. Uma análise oposta a crítica de Baudrillard, que verifica nas práticas sociais contemporâneas, uma “compulsão fetal involutiva” que se revela na necessidade cada vez maior de saber tudo a respeito do outro.

Chamemos isso o acontecimento integral de uma sociedade doravante sem contrato, sem regras nem sistema de valores, além de uma cumplicidade reflexa, sem regra nem lógica, senão a de um contágio imediato, uma promiscuidade que nos mistura mutuamente num imenso ser indivisível (2004, p. 43).

Para Baudrillard (2004, p. 21) a exposição do privado que existe nos dias de hoje não é exatamente uma evidência de um “voyeurismo pornô”, porque o que o público deseja, em realidade, não é o sexo, mas a banalidade que, conforme o autor, é, hoje, a verdadeira pornografia. Essa necessidade explicaria o sucesso dos *weblog* e outros produtos do gênero. Baudrillard (2004, p. 59) identifica, nesses fenômenos da pós-modernidade, além da ausência de metáfora, uma adesão voluntária a procedimentos que invertem o panoptismo.

Ou seja, enquanto espectador e espetáculo, o sujeito contemporâneo é o seqüestrador de si mesmo. Ele não precisa ser controlado a partir de dispositivos adotados com esse fim, ele se expõe de bom grado ao controle ao mesmo tempo em que controla aos outros. Ele não precisa ser violado, porque já pratica uma espécie de autoviolação. O problema dessa verificação, dessa aproximação com a realidade, é a perda do foco, a incapacidade de apreender o significado da existência.

Para Jonckheere, essa interpretação de Baudrillard sobre as manifestações da vida real na atualidade não dizem respeito a sua atuação como *blogger*, na medida em que a existência alheia não o atrai. Jonckheere afirma manter interesse, isso sim, pela expressão estética dessas existências e, no caso do autismo, nas interconexões que podem propor esclarecimentos sobre o problema, tanto para a sua família como para outros internautas que enfrentam essa mesma realidade.



A vida privada dos outros não me interessa. Ela jamais me interessou. O que me interessa é o meu próximo, é a sua atitude em inventar novas formas estéticas. Eu acho graça ao ouvir dizerem que Céline era um antisemita (um assunto para o qual eu não tenho a menor paciência). Ele era antes de mais nada um escritor incomparável. E isso é o que é apaixonante. Nada se ganha ao ser conhecido .

Ainda assim, Jonckheere relata alguns problemas com a exposição de sua vida na Internet. Conforme o *blogger* são inúmeros os contratemplos envolvendo suas declarações no *blog*, inclusive uma ameaça de demissão ocasionada por comentários postados por ele em *Désordre*.

(...) eu tive grandes preocupações porque meu chefe tentou se servir do conteúdo do site para me despedir e, com isso, resolver uma desavença que ele tinha comigo. Do ponto de vista da lei *stricto sensu* ele poderia ter feito isso, mas felizmente seu superior hierárquico anulou o procedimento porque ele julgou que eu não poderia ser colocado na rua por causa de minha vida privada .

Jonckheere reconhece que seu *blog* atrai também muitas pessoas indiscretas e desagradáveis. Para conter este tipo de visitantes indesejáveis, o *blogger* não possibilita que os leitores publiquem seus recados. Os visitantes podem se comunicar com Jonckheere, mas de forma privada, enviando um *mail* para o *blogger* que pode fazer ou não referência à mensagem que recebeu. Uma prática desagradável que Jonckheere identifica entre os internautas que frequentam seu *blog* é a de postar em seus próprios *blogs* trechos de *Désordre*, muitas vezes como forma de atrair leitores, uma vez que *Désordre* é um *blog* bastante conhecido, que já levou o autor a colóquios nacionais e internacionais para debater a prática do *blogging*.

Apesar de alguns dissabores, Jonckheere declara que a Internet lhe proporcionou encontros agradáveis e que, neste espaço, encontrou verdadeiros amigos, com quem trabalha em projetos comuns. Estas são, para Jonckheere, descobertas que justificam o risco de fazer maus encontros. De qualquer forma, na interpretação do *blogger*, a Internet não deixa de ser uma amostragem muito honesta e eficaz da humanidade. Na rede estão as manifestações de leitores ou de *bloggers*

⁹ Minha entrevista com Philippe de Jonckheere, em www.desordre.net

¹⁰ Idem



que revelam que “também somos feitos de desolação e lamento”. Além disso, como identifica Jonckheere, o pior da Internet também pode estar além das práticas “pouco graciosas”, mais interessadas na *Origem do mundo*, de Courbet. Na opinião de Jonckheere, um confesso admirador das manifestações estéticas de outros internautas, o problema do memorialismo não-sujeito a edições que se vê na Internet muitas vezes está no fato de que há excesso de material de pouca qualidade circulando na rede.

(...) o verdadeiro talento do cronista *on-line* é uma manifestação rara na rede, mesmo porque o talento é muito diluído no nosso oceano humano. De fato, são pouco numerosas as existências suficientemente trepidantes para reter nossa atenção de leitores, e mais raros ainda são aqueles casos que a despeito de existências mornas (...) são capazes de dar um pouco de relevo a uma material cujos ingredientes são pouco apimentados (La tentation réursive. Disponível em: www.desordre.net).

Há uma nova axiologia no ar. E este novo código tem nas tecnologias da informação um dos principais meios de propagação deste novo *modus vivendis*. Analisando as práticas sociais, como o *blogging* de Jonckheere, talvez não se conclua de maneira tão categórica que a privacidade de fato, morreu, como provocou Maffesoli. Mas, pode-se constatar que a idéia de privado adotada em especial no século XIX, já não tem mais espaço nos dias de hoje. Até porque a sociedade contemporânea não dispõe de espaços tão simplificados para assegurar as boas maneiras da civilidade, características daquele período em que deixar uma pessoa em paz, com sua vida privada e seus pensamentos, era o que melhor se poderia fazer.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. **A troca impossível**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- _____. **Senhas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **Tela total: mito e ironia da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre, Sulina, 1999.
- _____. **Telemorfose**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa**. Porto Alegre: Sulina, 2004.



_____. **A era do vazio:** ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio do Corpo, 1989.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno:** o retorno do trágico das sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. **No fundo das aparências.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **A transfiguração do político:** a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedade de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **O mistério da conjunção:** ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SCHITTINE, Denise. **Blog:** comunicação e escrita íntima da Internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

Internet:

www.lexpress.fr/info/societe/dossier/voyeurisme/dossier.asp?ida=416699

www.fondationlaposte.org

www.desordre.net